REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 58
JANEIRO A MARÇO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 58
ARTE, EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

ARTE E TECNOLOGIA E AS FORMAS DE DESVIAR DE VALORIZAÇÃO: A POÉTICA DOS ELETROSSERES

ART AND TECHNOLOGY AND WAYS TO DEVIATE FROM VALORIZATION: THE POETICS OF ELECTROSERES

Thiago Heinemann Rodeghiero

Unoversidade de Brásília - UnB,Brasília, Distrito Federal/Brasil; Universidade de Pelotas - UFPel, Pelotas, RS/Brasil

Resumo: O artigo apresenta uma investigação sobre as obras produzidas pelo autor, abordando as interseções entre arte e tecnologia. O conceito de valoração é discutido com base nas ideias de Peter Pal Pelbart e Byung-Chul Han e fornecerá estofo teórico para a problematização da mediação de alteridade mediada pela proximidade e distância eletronicamente. A investigação também incorpora os conceitos de Walter Benjamin sobre o trabalho do comentador e do crítico como forma de método de análise dos trabalhos. O valor depende de uma pesagem comparativa e de um juízo implícito, mas para essas áreas, a valoração antecede o valor e pode fazer com que a arte e a tecnologia não criem diferenças. Os devires serão vistos a partir da conceituação deleuze-guattariana, dando animalidades-eletrônica às instalações e trabalhos artísticos e colocando os eletrosseres a atritar as existências modelizadas do antropoceno.

Palavras-chave: Arte e tecnologia. Poéticas visuais. Valorização.

Abstract: The article presents an investigation into the works produced by the author, addressing the intersections between art and technology. The concept of valuation is discussed based on the ideas of Peter Pal Pelbart and Byung-Chul Han, providing theoretical substance to problematize the mediation of alterity through electronically mediated proximity and distance. The research also incorporates Walter Benjamin's concepts of thingly, formal, and factual content. Value depends on a comparative weighing and an implicit judgment, but for these areas, valuation precedes value and can blur the distinctions between art and technology. Becomings will be examined through Deleuze-Guattarian conceptualization, infusing electronic animality into installations and artworks, while causing electrospheres to friction against the modeled existences of the Anthropocene.

Keywords: Art and technology. Visual poetics. Valorization.

Introdução

O presente artigo aborda o conceito de eletrosser e constrói um cruzamento entre arte e tecnologia atravessada por filosofias. Oriundos de obras-instalações, os trabalhos t têm como ideia central as atuações dos seres eletrônicos, alertando sobre as assimetrias de poder e criando devires-animais-eletrônicos gerados pela

Thiago Heinemann Rodeghiero. ARTE E TECNOLOGIA E AS FORMAS DE DESVIAR DE VALORIZAÇÃO: A POÉTICA DOS ELETROSSERES. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-19, e1354, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br

proximidade. Sem distância não há alteridades. O afastamento do público da instalação permite uma visualização mais ampla do conjunto e a audição das relações formadas no ambiente, problematizando as tecnologias que impedem a distância. Ao mesmo tempo, ao aproximar-se, o púbico se distancia da sua autorrepresentação ao não se distinguir mais das forças eletro-animais que se aproximam.

Os conceitos aqui serão ferramentas que fornecerão aberturas para as problemáticas e se vislumbrarão numa paisagem conceitual que, em rede, forma sentidos. A partir dos eletrosseres, o artigo aborda a modelização e modernização da vida e existência, questionando os modos únicos de ser e estar no mundo, através das distâncias e proximidades mediadas por dispositivos eletrônicos. As tecnologias contemporâneas têm um papel fundamental nesse processo de modelização, moldando os modos de existência e impondo hierarquias e juízos prévios.

O conceito de valoração, discutido com base nas ideias de Peter Pal Pelbart (2019), mostra que tanto a arte quanto a tecnologia enfrentam os valores como forma de criar juízos aos seus produtos. O valor depende de uma pesagem comparativa e de um juízo implícito, mas, para essas áreas, a valoração antecede o valor e pode enfraquecer subjetivamente a arte e a tecnologia ao julgá-las antes mesmo de valorá-las. Para que o trabalho em arte esteja valorado, se cria significados que antecedem às sensações que este possa despertar. A tecnologia enfrenta esse mesmo problema. Ao encerrar ambas em certezas prévias, o público fica enfraquecido de possibilidades de relações e pouco consegue sentir ao estar preso nesses significados. A arte já problematiza essas questões e o artigo trará Eduardo Kac (2013) como forma de explicitar e aprofundar esse tema. As terminologias de linguagem serão vistas num viés deleuze-guattarriano (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, 2011b), ajudando a compreender os aspectos significantes e asignificantes em jogo.

Thiago Heinemann Rodeghiero. ARTE E TECNOLOGIA E AS FORMAS DE DESVIAR DE VALORIZAÇÃO: A POÉTICA DOS ELETROSSERES. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-19, e1354, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br

Para que se tenha distância e se crie possibilidades de relações amplas e potencializadoras é necessário inventar meios. Buyng-Chul Han (2019) colocará questões sobre intimidade, respeito e distância para problematizar as formas de vida modeladas pelos dispositivos de comunicação digital. Para Han, o conceito de respeito traz consigo duas perspectivas. Numa primeira, é o poder que cria o respeito e se "fundamenta [n]uma relação hierárquica" (HAN, 2019, p. 18), gerando relações assimétricas e constituídas apenas de poder. Mas, numa segunda perspectiva, o respeito não necessita somente do poder para ser um produtor de distâncias e relações, pois, "diferentemente do poder, o respeito não é necessariamente uma relação assimétrica" (HAN, 2019, p. 18), criando também encontros recíprocos e simétricos. De um lado, quando o respeito é apenas formado pelo poder, cria-se a falta de esferas públicas geradas pelas assimetrias dele derivado, gerando intimidades solitárias que não fazem relações de alteridade e nem possibilidades de coletivação efetiva. De outro lado, quando o respeito é simétrico, dispensa-se o poder para tensionar reciprocidades coletivas que criam paisagens sem subalternidades.

O método de investigação poetiza os conceitos de Walter Benjamin (2011) e os transforma em um método alquimista-incendiário. A partir dos vestígios da obra é possível investigar como esses conceitos se relacionam com as obras aqui postas e suas abordagens na arte e tecnologia. O ponto de vista crítico será um processo que requirirá aprofundamento teórico e sensibilidade para desvelar as problemáticas presentes nas obras.

A poética dos eletrosseres, mote das obras aqui postas, se concentra em problematizar o uso de aparelhos eletrônicos no antropoceno e seu impacto nas existências hegemônicas, especialmente na desvalorização das animalidades e na diminuição da recepção de estímulos sutis. Os eletrosseres são uma construção de arte computacional (VENTURELLI, 2017) que busca enfrentar as existências saturadas de signos extraordinários no mundo contemporâneo.

A despontencialização de encontros é um tema crucial abordado aqui. O contexto da arte e tecnologia mostra que, embora os seres humanos estejam cada vez mais imersos em maneiras de se conectar, esses encontros podem ocorrer de forma superficial, sem discursos indiretos que criem diferenças. A falta de distância nos encontros leva à falta de abstração e à ausência de diferença significativa. Os dispositivos eletrônicos viabilizam a interconexão entre os indivíduos (mesmo que separados espacialmente) e os aproxima simbolicamente ao mesmo tempo que produz um enfraquecimento de suas alteridades.

Ao permanecer-se com a ideia de proximidade mediada apenas por aparelhos digitais, não se efetua afetos simétricos de relação, trazendo uma falsa noção de que o outro está ali de prontidão e gerando um estado de interpretação causado pela sensação de proximidade. Em alguns casos, as pessoas passam grandes períodos sem estarem presentes, mas com a sensação de estarem próximas através das mediações eletrônica.

Finalmente, evidenciar as implicações mais significativas da interseção entre arte e tecnologia na modelização da vida e existência contemporânea, encontrando na falta de distância entre os seres humanos e as tecnologias suas causas de perda de abstração e sutileza e afetando a criação de diferenças e encontros. Os eletrosseres desafiam essas noções ao tensionar pensamentos sobre a valorização e da distância em nossas experiências tecnológicas e artísticas na contemporaneidade.

A desvaloração e a desmodelização da vida

A valoração é, segundo Pelbart, depender “de uma pesagem comparativa, de uma avaliação, de uma hierarquia” (2019, p. 258). Para escapar deste encarceramento subjetivo, se faz necessário encontrar forma de desvalorar as coisas para que, sem juízos ou comparações, se possa pensar outros trajetos para que as formas contemporâneas de existência possam percorrer.

Quebrar com significados prontos é uma forma de fazer com que os signos fluam em multiplicidade. Estabelecer conexões entre os signos é imprescindível para romper com qualquer forma de “antropocentrismo ou controle" (PELBART, 2019, p. 251). Dessa forma, Pelbart argumenta que libertar-se das restrições impostas pelo antropoceno implica em criar modos de vida que não estejam aprisionados pelos juízos impostos pelos significados valorados. Quando as existências são condicionadas a homogeneidades, não há aberturas para que combinações, misturas e hibridismos se manifestem, impedindo a abertura de fronteiras entre o humano e o não-humano. Por meio de uma análise clínica e crítica de mapeamento, é viável criar uma abordagem poética que transforme encontros entre arte e tecnologia em espaços potenciais, permitindo que o não-humano se manifeste ao lado do humano. Isto implica tensionar vetores capazes de produzir soluções e enfrentar as urgências que desafiam a vida, pois, como afirma Pelbart, "a crítica dos valores vigentes não equivale a um debate de opiniões nem de doutrinas, mas de mapeamento dos sintomas que expressam maneiras de existir, sobretudo as esgotadas" (2019, p. 259-260).

Não implica em ignorar o uso de ferramentas, nem em abolir significados das relações. Em vez disso, significa empregar essas ferramentas (as relações livres entre os signos) como potencialidades, buscando saídas por meio da “capacidade de programar, como em Blade Runner” (PELBART, 2019, p. 250), onde uma “zoopoética nos permite escapar” (PELBART, 2019, p. 249). Adicionalmente, é possível apontar também através do pensamento desse autor que a noção de devir-animal-eletrônico pode conduzir o humano em direção a zonas de proximidade com forças que facilitam a superação de sua conformidade homogeneizada. O conceito de devir-animal-eletrônico pode levar os humanos a se aproximarem de áreas onde forças específicas podem ajudar na superação de uma conformidade uniformizada. Essa ideia sugere que essa noção pode levar a uma espécie de libertação das convenções padronizadas.

Encontrar as margens e as inconsistências dos significados possibilita a criação de desvios para enfrentar os problemas que surgem, em vez de ignorá-los. Isso não implica em menosprezar as relações já estabelecidas, mas sim em questioná-las, buscando novas formas sensíveis e indiretas de atribuir significados e uma maneira de lidar com desafios e ambiguidades, sem menosprezar as conexões existentes, mas transformando-as para ampliar as perspectivas. Também não é uma solução se acelerar cada vez mais os modos de vida e existência contemporâneos, pois se jogaria a homogeneidade em seu triste destino teleológico. Ao se resumir encontros em momentos sem distância e sem intimidade, dispensa-se qualquer forma de profundidade que o tempo tensiona nas relações. Com respostas rápidas e objetivas, há um amortecimento das camadas mais profundas de subjetividade e se constrói significados cada vez mais vazios de alternância.

Não acelerar as condições que surgem, mas, ao invés disso, investir num tempo do trabalho artístico que se mostra conforme os encontros se fazem é uma forma de enfrentar as acelerações, não caindo na repetição das mazelas antropocêntricas atropelantes, confrontando-as e criando corpos por vir que animalizam eletronicamente os devires ainda não programados.

As tecnologias contemporâneas modelam e modernizam a vida e a existência, modificando a percepção em um destino único. Os dispositivos eletrônicos permitem relacionar-se com distâncias e proximidades de maneiras que antes não eram possíveis. O impacto significativo bem como os relacionamos entre os seres e o mundo ao redor se dá, pode tornar as existências desprovidas de pluralidade.

Os dispositivos eletrônicos permitem retirar toda e qualquer sensação de distância presente entre os seres. O que antes era mediado pela intimidade e tempo, hoje é público e instantâneo. Os seres, ao fazer relação uns com os outros, mediados pelos dispositivos eletrônicos instantaneamente e publicamente de forma unívoca, perdem consideravelmente suas alteridades. A arte por sua vez, pode criar formas desviantes e encontrar nos equívocos as potências de relação. Unívoco e

equívoco aqui não tem o sentido de verdade e de erroneidade, mas de criação de zonas de tensão às interpretações e significados que se desencadeiam em cortes por veredas ainda não desenhadas.

Han diz que, na contemporaneidade, “domina uma falta total de distância, na qual a intimidade é exposta publicamente e o privado se torna público” (2019, p. 12). De acordo com o autor, para alcançar um bom entendimento de algo, é necessário assumir que existe uma certa distância entre aquilo que se está tentando compreender ou captar. Essa distância pode ser vista como uma necessidade de perspectiva ou espaço para compreender o que está surgindo como pensamento. Essa ideia de distância pode ser crucial para uma compreensão mais profunda e precisa do objeto de estudo. A ausência de distância, ou seja, a saturação ou excesso de mediações, faz com que os signos fiquem aprisionados em padrões fixos de significados (DELEUZE; GUATTARI, 2011a).

Eduardo Kac, artista e bioengenheiro, vai dizer que, as formas artísticas são “esferas compartilhadas de percepção, cognição e agenciamento” (2013, p. 284-285) e que estar diante de uma obra é abrir-se para uma “experiência-como-ela-acontece como um campo transformador de possibilidades, aprender com ela, crescer com ela, ser transformado ao longo do caminho” (2013, p. 285). A ideia de ser transformado ao longo do processo de interação com a obra é uma visão que destaca a arte como um agente de mudança, uma experiência em constante transformação para quem a vivencia.

Estar em dissonância com os significados dos signos constantemente limitados às mesmas estruturas semânticas e sem a oportunidade de escapar ou de ter qualquer forma de liberdade dessas restrições é enfrentar as homogeinidades dos significados e, pela arte, encontrar formas de fazer variar os encontros. A falta de distância ou exaustão que impede a criação de novas redes semânticas não pode manter presos as interpretações convencionais ou restritas permanentemente. A arte é uma das formas de tensionar outras maneiras de se relacionar e potencializar alteridades.



Só se há respeito se há distância, é o que diz Han (2019). O respeito aqui pode ser visto de duas formas, uma engessada no poder, onde só se há numa assimetria de relação, e outra onde é possível também ter respeito em uma relação simétrica, onde a distância se faz capaz de gerar essa situação de coletividade. Os dispositivos eletrônicos contemporâneos de comunicação, ao eliminarem a distância, acabam contribuindo para desequilíbrios discursivos e para a desintegração das relações sociais. Ao priorizarem a imediatez e ao minimizarem a importância da distância, esses meios tecnológicos podem gerar situações em que as relações interpessoais perdem sua profundidade coletiva, resultando no isolamento e na padronização dos encontros entre as pessoas. Estas situações fazem com que as relações interpessoais sejam destroçadas de suas pungências coletivas, isolando e modelizando as formas de encontro.

Para significar, o signo precisa ter um corte, um encerramento em si mesmo e transforma-se em símbolo pré-significado. Ao interromper o signo de se relacionar com outros signos, modeliza-se as formas de atribuição de sentido aos signos (DELEUZE; GUATTARI, 2011b). Na era digital, a imediatez das informações produzidas e recebidas dispensam grandes relações de signo (criadores de paisagens semânticas) e tensionam significados prontos. Nas linguagens de programação, é atribuído o operador lógico "*if*"[1] como forma principal de se chegar a resultados. Ele constrói uma cadeira de significado reducionista onde *se isto é isso, logo, faça isto*. A funcionalidade muda, mas não cria formas diferentes de se encontrar sentidos.

Gilles Deleuze e Félix Guattari vão dizer que os signos não buscam um significado, mas sim outros signos e criam uma paisagem semântica (2011b). A linguagem não precisa ser ordenada ou ter um único significado. Ela pode mudar e

[1] Em programação, *"if"* é uma estrutura de controle utilizada para criar condições lógicas. Ele permite que um programa execute determinado bloco de código se uma condição específica for verdadeira. Se a condição não for atendida, o programa pode seguir outro caminho ou executar um código alternativo. A explicação sobre a estrutura condicional *"if"* na programação é um conhecimento comum e amplamente aceito na área de Ciência da Computação.

Thiago Heinemann Rodeghiero. ARTE E TECNOLOGIA E AS FORMAS DE DESVIAR DE VALORIZAÇÃO: A POÉTICA DOS ELETROSSERES. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-19, e1354, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br

se tornar abstrata à medida que se distancia do seu objeto original. Isso pode criar paisagens semânticas, ou novos significados, que não estavam presentes antes. Desviar de um sistema fixo é criar processos dinâmicos que permitam ser usados para criar novas ideias e outros sentidos. Sem distâncias, apenas se representa o mundo através de signos que não vão fazer proliferar novos entendimentos e sedimentam cada vez mais os modos de atribuir sentido.

Os trabalhos aqui apresentados criam sensações e rumores para criar outras redes semânticas de entendimento. Problematizando os significados únicos de como se fazer arte, rompe com a cadeia de significado da arte e potencializa os processos de artista. Assim o compromisso deste trabalho é criar paisagens de pensamento, problematizando as formas pela qual o artista de ocupa e pensa os seus fazeres.

Os eletrosseres

Criando uma estética e paisagens de pensamento artístico-tecnológico, os eletrosseres são instalações que criam forças motrizes e resultam em criações poéticas visuais. O processo artístico, entrelaçado à teoria, introduz novas dimensões à criação visual e as etapas de reflexão sobre estruturas predefinidas, permitindo que as instalações floresçam em resposta aos signos de maneira processual e moldando o próprio ato poético. Assumindo uma abordagem caracterizada pela incerteza, essa ação adota um ritmo de composição experimental em sua construção-criação.

Os eletrosseres atuam como uma referência orientadora em vez de uma forma definitiva. Os circuitos eletrônicos são interconectados para a construção de diálogos entre o humano e o não-humano. Estes seres não são uma entidade conclusiva em si mesma, mas sim um mapa que conduz a diversas trajetórias não percorridas, atuando como intermediário do processo criativo. Este ser tem sua natureza e seu habitat para poderem compor paisagens com os acontecimentos que por eles perpassam.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 58
JANEIRO A MARÇO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 58
ARTE, EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

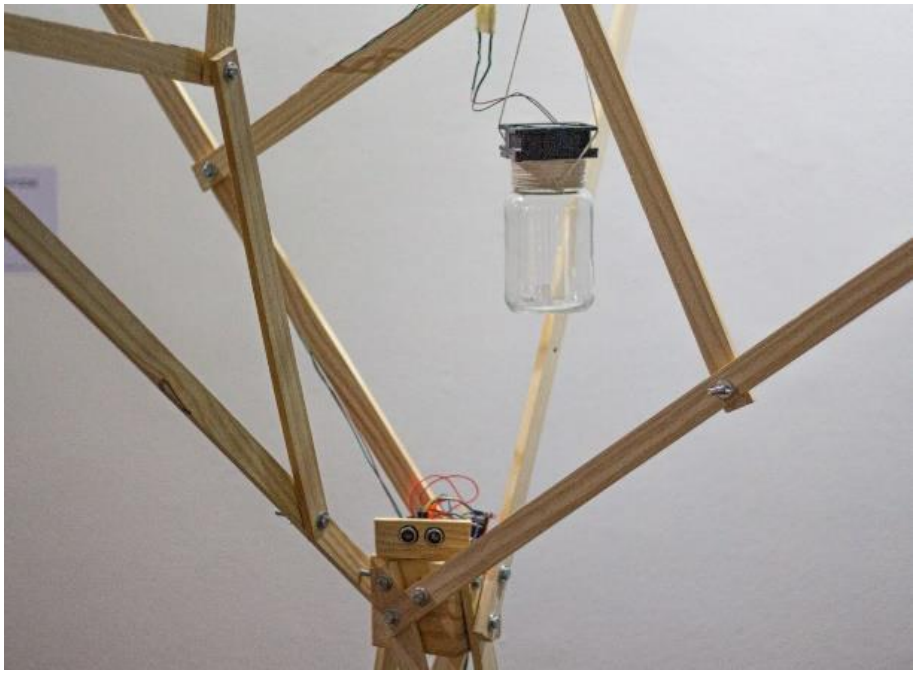

Figura 1 – Detalhe obra P15Sul (CLN 207/208), exposto no Museu Nacional da República no #22.ART, 2023. Fonte: Arquivo Pessoal.

A obra *P15Sul (CLN207/20)* (Figura 1) é movimento para percepção de outras relações com os estados sensíveis. Quando estão à deriva, os seres-signos-palavras estão abertos a novas possibilidades, mas também propensos a desencontros. O sensor de presença é a interação entre os seres. Quanto mais próximo o espectador está da obra, mais ela vibra, indicando que a interação é formada. Se não há relação, a obra fica suspensa, indicando que a busca por sentido ainda está em andamento. Kac diz que "nossa proximidade com o outro demanda uma resposta e que o contato interpessoal com outros é a única relação de responsabilidade ética" (2013, p. 285). Incorporar os acontecimentos na arte e na vida para fazer destes afetos é aceitar a experiência da obra em sua diversidade. A obra é fruto da dissolução das palavras, mas também dos desencontros como potência, marcando por estes movimentos as fendas semânticas que deles derivam.

A concepção desses eletrosseres envolve a criação de dispositivos que estabelece conexões entre os elementos e as coisas que deles reagem. Segundo Giorgio Agamben, os dispositivos moldam relações e poderes, o autor diz que “se todo dispositivo corresponde a um determinado processo de subjetivação [...] é de tudo impossível que o sujeito do dispositivo o use ‘de modo justo’” (2009, p. 48). Os eletrosseres são mediados por dispositivos que criam capacidades de direcionar as formas e forças que emanam dele.

Os sensores eletrônicos são os dispositivos que possibilitam aos eletrosseres perceber-se e relacionar-se. As leituras são feitas e processadas por algoritmos de forma a responder a estes estímulos, tornando-os uma arte computacional. Segundo Suzete Venturelli (2017, p. 8), a arte computacional se baseia em algoritmos matemáticos para processar informações e criar representações. Essa abordagem permite aos eletrosseres a criação de mapas e ações que abrem caminhos para encontros. A arte computacional e suas perspectivas pós-humanas introduzem novos conceitos, desafiando convenções e propondo interações entre humanos e máquinas.



Figura 2 – Obra Animal Ultrassônico, exposto na Cal – Casa de Cultura da América Latina - extas’e.1 (exposição de trabalhos em arte sônica), 2023. Fonte: Arquivo Pessoal

O trabalho *Animal Ultrassônico* (Figura 2) é uma instalação sonora que cria misturas pelas proximidades. Ele age como um eletrosser, alertando que estar muito perto gera assimetrias de poder. O som emitido remete ao de uma cigarra cantando. A instalação possui um sensor de presença ultrassônico que detecta a distância e aciona motores. Afastar-se permite visualizar o conjunto e ouvir as relações formadas no ambiente. As disputas e conflitos sonoros ocorridos dentro do bambu são mediadores da percepção auditiva. A fluidez das formas e materiais é central para a força poética do desta linguagem da obra. A montagem do trabalho tem a adaptabilidade como mote. Essa adequabilidade torna-se geracional, ajustando-se às mutações dos estados de animalidade eletrônica da obra. O deslocamento dos eletrosseres introduzem dimensões físicas e computacionais. A dimensão física é composta pelos materiais, enquanto a dimensão computacional reside no código que rege os sensores. A obra se adapta a diferentes ambientes, gerando processos de ambientação. A interação entre código e matéria promove uma animalidade eletrônica adaptativa, onde o trajeto é definido pela evolução das forças do meio. Não há uma esfera mais importante do que a outra, elas são conjuntas e amalgamadas de forma a funcionarem em união. O trabalho transcende as limitações de uma escultura estática, incorporando a animação eletrônica como parte estética sem criar juízos, hierarquias ou valores.

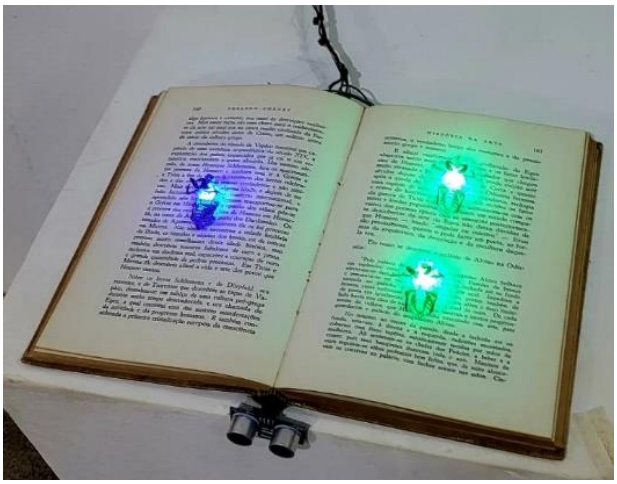

Figura 3 – Obra estridulatório, exposto na Galeria Espaço Piloto – Onde a Cigarra Canta, 2023. Fonte: Arquivo Pessoal

Na obra *estridulatório* (Figura 3), um sensor de presença lê o ambiente e quanto mais próximo o espectador está da obra mais vibra em alternância tonal-luminosa (há *leds* que vão alternando gradativamente conforme a proximidade). Se não há relação, o estado entre os seres é suspenso. À espreita por qualquer sinal de proximidade, estas palavras-signos-seres-casca-luminescentes-cigarras se agitam na busca de outros sentidos. A obra é o movimento para a percepção de outras relações com o estado sensível. Quando estão a deriva, os palavras-signos-seres-casca-luminescentes-cigarras estão abertas a novas possibilidades, mas também estão propensos a desencontros. O sensor de presença é a interação entre os seres. Quanto mais próximo o espectador está da obra, mais ela vibra, indicando que a interação é formada. Se não há relação, a obra fica suspensa, indicando que a busca por sentido ainda está em andamento. Tanto espectador tanto obra não se distinguem e não são incorporados como separados, são uma experimentação recíproca sem valoração onde ambos se relacionam em igualdade.

Portanto, os eletrosseres trazem como mote as interações entre materiais, códigos e adaptabilidade em uma abordagem artística processual. A obra em constante transformação provoca as noções tradicionais de escultura e criação artística, destacando a importância da interação entre humanos, materiais e tecnologias sem criar juízos ou valores prévios.

devir-animal-eletrônico

Os trabalhos que são descritos neste artigo são instalações que envolvem sons e luzes e que são capazes de criar misturas. Esses conjuntos são feitos com base na proximidade, ou seja, eles são compostos considerando o quão perto estão uns elementos dos outros. Os devires-animais-eletrônicos são as forças dos eletrosseres e alertam as assimetrias de poder. Para falar destes trabalhos, se propôs um movimento dialético incendiário-alquimista oriundo de uma experimentação, compreendendo a realidade como um processo em constante

mudança mediada por contradições e conflitos. Pode-se afirmar tudo o que se sabe do trabalho e dar movimento ao pensamento sem não o encerrar em afirmações neles mesmos. Logo, criou-se bases para mostrar as problemáticas possíveis desses processos.

Fazendo uma leitura ao modo benjaminiano dos trabalhos, criou-se um método incendiário-alquimista (taca-se fogo primeiro e depois mistura-se com outras matérias-poéticas para ver suas transformações e experimentações). Para Benjamin (2011), o trabalho do comentador deve ser ao modo de um químico, onde ele, numa analogia com uma fogueira, analisa as cinzas que ali restaram (o público em relação com o trabalho). Já o crítico deve se ater ao fogo conforme achas são colocadas (o próprio trabalho do artista). A chama é seu teor de verdade enquanto as cinzas é o teor-coisal (BENJAMIN, 2011). Tanto chama e cinzas são a obra.

Encontrar a imanência dos objetos é contextualiza-los em seus momentos histórico sem ser encerados neles mesmos. Taca-se fogo constantemente. Só se pode fazer uma crítica dos trabalhos se eles estiverem fraturados, despedaçados e incinerados, porém, ainda em chamas. Os objetos inteiros não possibilitam misturas nem formas processuais de entendimento. No momento que o artista cria o seu projeto e sua obra, cria-se brechas processuais que amarram as ideias e fenômenos pela arte e fazem delas experimentações: os projetos e as obras não são anteriores aos fenômenos, mas são partes processuais de acontecimentos que as formam.

As cinzas desses trabalhos são mesclas de eletrônicos, bambus e livros. Os trabalhos foram montados de forma que os sons e as luzes se propagassem a altura dos ouvidos e olhos do público. O bambu foi um material escolhido por ser flexível, se adaptar e ser de fácil manuseio, além de propagar som de maneira mais intensa. O sensor de presença mede o quão perto o público está do trabalho através de emissão de uma frequência ultrassônica e o tempo que esta leva para voltar a um receptor sonoro. Quando o público está próximo, os sons e luzes vibram.

Representar é substituir as coisas por imagens das coisas. Estes trabalhos não querem ser imagem de um ser e nem de um animal: querem devir-animal; devir-



cigarra; devir-eletrônico. Esses movimentos não são formas de representações das animalidades ou das eletrônicas das instalações. A animalidade, enquanto força, não representa, mas cria paisagens pelas matérias que encontra, entrando em uma zona de vizinhança e indiscernibilidade geradas pela co-presença (DELEUZE; GUATTARI, 2011a). A eletrônica destes trabalhos também são devir, por mediar as forças que neles circulam. O devir animalesco eletrônico não é imitação do animal, mas sua potência. Tentar representar estes seres pela animalidade ou pela eletrônica seria agarrar o objeto e dar-lhe uma forma vazia de verdade, encarcerando o fenômeno em uma ideia média que mata o fenômeno (e a animalidade) (BENJAMIN, 2011). Quando a preocupação é criar uma forma sensível de se relacionar, estas instalações tensionam construções de processos inacabados de entendimento, fugindo de um saber que cria uma posse e permitindo saídas.

Estas instalações abrem-se para pensar os teores de verdade. A crítica aqui será feita pela chama que estes trabalhos produzem. Sem criar uma natureza mítica do esclarecimento destes trabalhos e nem justificar o conhecimento numa metafísica da coisa em si, cria-se inúmeras saídas para sentir e contactar as esferas subjetivas que eles tensionam. São sequências de rotas de pensamentos e subjetividades que possam circular livres de determinações, como numa espécie de toca. As instalações criam uma atmosfera “conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 43).

Para se manter forte, as instalações necessitam do público e da proximidade para funcionar. Os sons e luzes que os trabalhos emitem tem força de devir-cigarra. Para se escutar e haver mudanças nas cores, o público precisa se aproximar, criando uma zona de afeto e relação ao estar junto com o eletrosser. Quando se aproxima de devir, cria-se distâncias por não representar e nem reconhecer. O devir é não-humano (DELEUZE; GUATTARI, 2011a) e, quando se está em proximidade com ele, criam-se distâncias do humano ao não ser reconhecido nele. O devir tensiona coletivos por destruir individualidades. Esta dinâmica problematiza o

momento contemporâneo da falta de distância física substituída por uma proximidade telemática.

Colocar a distância como meio para fazer a emissão sonora e luminosa não foi obra do acaso. Emitir sons e as luzes cada vez mais intensos e mudança das cores, conforme aproxima-se dos trabalhos, é uma forma de relação. Estar próximo não significa estar presente e nem ser parte de algo, mas sim tensiona um excesso de individualidade. O fogo que o alquimista se detém é onde se pode criar uma paisagem além das certezas que as cinzas trazem, fabulando os espaços. Ter distância é encontrar-se no coletivo por forças criadoras de alteridade. Estar muito próximo é criar apenas massas disformes de indiferenciação e individualidade, que são explicadas e interpretadas de forma química pelas cinzas e resíduos que deixam.

Ao problematizar a distância, os trabalhos colocam as animalidades como saídas. Encontrar no homem do antropoceno sua animalidade é uma tarefa complexa, pois, desde a modernidade há uma hiper higienização das relações e dos corpos. Estar em contado com as esferas íntimas de subjetividade é um desafio cada vez mais complexo. O homem criou uma variedade de amortecedores simbólicos e fragmentários que os fazem significar tudo de maneira rápida e pueril: a consistência de um pensamento está cada vez mais inacessível.

As instalações estão dentro de uma esfera de pensamento arte tecnológica, onde se problematiza a tecnologia para criar paisagens de pensamento que tensionem entendimentos e sensações que delas oriundam. Não é julgar a tecnologia e nem fazer dela vilania, mas criar formas de pensar e tensionar os seus usos amalgamados com as subjetividades humanas e não-humanas.

A imanência do objeto da arte e tecnologia, contextualizada no seu momento histórico, cria consistências e olhares para as chamas de maneira propositiva. Encontrar nos trabalhos formas de tensionar o contemporâneo e fazer deles instrumentos alquimísticos de crítica e de criações de pensamentos é problematizar ao invés de julgar. Não se faz trabalhos de arte com uma idealização prévia e já

sedimentada: os processos são os condutores do fazer. É pelos contornos dos eletrosseres que se encontram as poéticas neles investidas.

Os eletrosseres ganham chama conforme são experenciados e não querem representar algo específico, mas sim evocar processos de transformação e relação entre diferentes forças, se afastando de ideias pré-concebidas. Além disso, destacam a importância da proximidade do público para sua ativação, tensionando as noções contemporâneas de distância e proximidade.

Considerações finais

O texto trata sobre a interseção entre arte, tecnologia e filosofia através do conceito de eletrosser. Examina como a proximidade e distância afetam nossas interações com dispositivos eletrônicos, questiona o impacto dessas tecnologias nas relações humanas e destaca a importância de criar distâncias para gerar encontros. Aborda, também, questões de valorização, intimidade mediada por dispositivos digitais e a falta de distância nas interações, concluindo sobre como os eletrosseres desafiam essas ideias.

A pesquisa emerge do estudo e desenvolvimento de obras e poéticas de forma transdisciplinar e considera o trabalho criativo computacional e eletrônico em amalgama com os processos artísticos e filosóficos. Como resultado do aprofundamento do movimento de pensamento, a busca se dá no próprio trabalho. Este se apresenta em interações entre os métodos da criação de criaturas elétricas e o seu investimento na prática do pensamento, que tensiona imagens de pensamento desdobradas na imanência dos eletrosseres.

Focada em expandir as descobertas por meio de revisões bibliográficas, a pesquisa continua aberta aos encontros que se propõe. Assim, trabalhos e processos são a composição das relações com a vida, encontrando formas de gerar ideias e conceitos nas sutilezas do fazer poético. Fazer uma pesquisa que combina tecnologia, arte e filosofia é engendrar as relações entre criação e pensamento.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrenia 2. vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrenia 2. vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2011b.

KAC, Eduardo. *Telepresença e Bioarte*: Humanos, coelhos & robôs em rede. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2013.

PELBART, Peter Pál. *Ensaios do assombro*. São Paulo: n-1 edições, 2019.

HAN, Byung-Chul. *No enxame:* perspectivas do digital. Petrópolis/RJ: Vozes, 2018.

VENTURELLI, Suzete. *Arte computacional.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

Thiago Heinemann Rodeghiero
Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da FaE-UFPel na linha de Filosofia e História da Educação (2019). Possui graduação em Design Gráfico pela Universidade Federal de Pelotas (2008). Atualmente é Editor de Imagens da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Educação e contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia (CNPQ) e coordenador do projeto de pesquisa Subjetividade e diferença: agenciamentos artísticos, audiovisuais e filosóficos.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9706-7903
E-mail: thiagoalfa@gmail.com

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.



Recebido em 07 de dezembro de 2023
Aceito em 05 de janeiro de 2024

Editor: Júlia Maria Hummes

ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/